

Tabu e perspectivismo em *Wazi* de Rogério Manjate

Taboo and perspectivism in *Wazi* by Rogério Manjate

Marina Gadelha

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil
marinagadelha1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5145-3200>

Adriano Guedes Carneiro

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil
adrianoguedes.carneiro@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5830-5128>

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar e comparar *Wazi*, de Rogério Manjate, um dos livros que compõe a coletânea “Contos de Moçambique”, com a versão original do conto, a fim de investigar o contexto histórico e social moçambicano em que estão inseridas as histórias recontadas. Pois, nessa obra em particular, Manjate opta por realizar uma ruptura com a versão original. *Wazi* é uma criança que vai caçar com o avô e este lhe avisa para jamais comer os frutos do lado direito do caminho. A ordem dada pelo mais velho e a palavra confirmada por *Wazi* são pontos fundamentais no conto para se compreender o tabu na tradição moçambicana. Diante da maldição atribuída ao menino, é possível se discutir o perspectivismo a partir do pensamento de Friedrich

Nietzsche, Sigmund Freud, Toyin Falola, Eduardo Viveiros de Castro, Davi Kopenawa, entre outros.

Palavras-chave: conto tradicional; Moçambique; tabu; perspectivismo.

Abstract: This article aims to analyze and compare *Wazi*, by Rogério Manjate, one of the books that make up the collection “Contos de Moçambique”, with the original version of the short story to investigate the Mozambican historical and social context in which the stories told are inserted, since this particular work, Manjate chooses to make a rupture from the original version. *Wazi* is a child who goes hunting with his grandfather and warned to never to eat the fruits on the right side of the path. The order given by the eldest and the word confirmed by *Wazi* are fundamental points into the tale to understand the taboo in the Mozambican tradition. In the face of the curse attributed to the boy, it is possible to discuss the perspectivism from the thought of Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Toyin Falola, Eduardo Viveiros de Castro, Davi Kopenawa, among others.

Keywords: tradicional tale; Mozambique; taboo; perspectivism.

Na coleção “Contos de Moçambique”, dez autores desse país reencontram suas memórias e recriam narrativas tradicionais, fomentando a literatura moçambicana e as histórias dentro e fora do território daquele país africano. Ao mesmo tempo em que homenageiam e disseminam a cultura tradicional, alguns dos autores rompem com as propostas das narrativas originais, colocando em questão valores anteriormente ressaltados nos textos. Ao mesmo tempo em que são valorizados elementos de um passado anterior, a Coleção apresenta, nessas releituras, um olhar contemporâneo, que assume nítidas influências ocidentais. Os autores, ao final de cada uma das dez obras, comentam algumas decisões que tomaram na condução das histórias escolhidas e justificam suas opções. Também é oferecida ao leitor a versão original dos contos.

Rogério Manjate, o autor de *Wazi*, tem cinquenta anos e nasceu em Maputo, Moçambique. É poeta e autor de obras ficcionais, ator, diretor de teatro e cinema. Foi selecionado em 2000, com um conto para compor a Coletânea Breve de Literatura Moçambicana. Em 2001 publicou *Amor Sil-*

vestre, com contos e crônicas da vida urbana e suburbana de Maputo, que ganhou o Prêmio TDM de Literatura. Em 2004, publicou seu primeiro livro para crianças, *Casa em Flor*, também premiado. Seu conto “À imagem e semelhança” recebeu o prêmio Guimarães Rosa em Paris. Também publicou *Choveria Areia* (2005) e *Mibila + Drika* (2007). Foi editor da revista “*Lua nova*” da Associação de Escritores Moçambicanos (AEM). Como diretor de cinema, foi responsável pelos títulos “*O meu marido está a negar*”(2007) e “*I love you*”(2008), o qual foi premiado na África do Sul, na Espanha e na Escócia, em festivais de cinema.

A Coleção Contos de Moçambique¹ foi publicada em 2017, pela Editora Kapulana, resultado da parceria com a Escola portuguesa de Moçambique e a Fundació Contes pel Món, situada em Barcelona, na Espanha. Foram publicados dez livros, com os seguintes títulos e autores: *O rei mocho*, de Ungulani Ba Ka Khosa; *As armadilhas da floresta*, de Helder Faife; *A viagem*, de Tatiana Pinto; *O casamento misterioso de Mwidja*, de Alexandre Dunduro; *Kanova e o segredo da caveira*, de Pedro Pereira Lopes; *Na aldeia dos crocodilos*, de Adelino Timóteo; *O caçador de ossos*, de Carlos dos Santos; *Leona a filha do silêncio*, de Marcelo Panguana; e, por fim, *O pátio das sombras*, de Mia Couto, e ilustrações Malangatana.

Moçambique é uma ex-colônia portuguesa, cuja independência ocorreu somente em 25 de junho de 1975, após intenso conflito bélico, empreendido pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) contra as forças armadas portuguesas. Após a independência, adota-se a linha de regime socialista com intensa valorização do que é moçambicano, por meio do nacionalismo, mas com o cuidado de não decair nas divisões dos chamados “tribalismos”. Era preciso construir a nação, com unidade e responsabilidade, mesmo durante a guerra de desestabilização que se arrastou no País, de 1977 até 1992, contra a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), que recebia financiamento da Rodésia e da África do Sul. A principal liderança no País passou a ser Samora Machel, após o assassinato de Eduardo Mondlane, em 1969, com a explosão de uma bomba encomenda, que lhe foi enviada pelos correios, em

¹ Listamos apenas as obras e os autores do texto literário, pois são o que imediatamente nos interessa. No entanto, ressaltamos que a Coleção é uma verdadeira obra-prima de ilustração, pintura e artesanato. Nos livros, estão impressos, logo abaixo dos nomes dos autores, os nomes dos ilustradores, pintores e artesãos responsáveis pelas publicações.

Dar es Salaam, na Tanzânia. Diferentemente de Angola em que o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) era intensamente formado por integrantes de Luanda e adjacências, portanto um movimento urbano, a Frelimo era composta principalmente por lideranças e combatentes rurais que vinham ocupar a região urbana de Maputo, antiga Lourenço Marques.

A publicação dos contos tradicionais moçambicanos reinventados é uma atitude de valorizar o que lhes é próprio, uma conduta nacionalista. Contudo, ao mudar o final de contos tradicionais na literatura, os autores mudam também a mensagem que estão a passar. No conto *Wazi*, que aqui apresentamos, são mudanças importantes e reveladoras que encontramos. Mostram uma forma de questionamento, ao mesmo tempo em que também se cultua e valoriza suas culturas e histórias. São autores com olhar de quem passou por um país pós-guerra, pós-colonização os quais não mais reproduzem suas histórias, mais recontam com a vivência de quem, assim como seu país, se transformou. Agora, eles mantêm suas raízes, mas apresentam galhos que crescem e dão frutos. Como descreveu Toyin Falola (2020, p. 87): Privilegiar o passado ou a identidade cultural não pressupõe nenhuma noção estática de tradição ou das instituições, que estão inscritas na história e revelam traços de adaptação e mudança.

Wazi, conto escolhido por Rogério Manjate, tem em seu início um narrador contando que Jhapondo, o caçador mais famoso da região, estava velho e triste porque a tradição de seu famoso clã estava prestes a desaparecer, pois nenhum de seus nove filhos e vinte netos quisera ser caçador. Quase resignado, numa certa manhã, seu neto mais novo, *Wazi*, deixa os brinquedos de lado para caçar com o avô. Já nesse primeiro dia, o neto demonstra um grande talento para a caça. Acerta sua flecha em um coelho, o animal conhecido por ser o mais inteligente da floresta, e em pouco tempo consegue apanhar gazelas, cudos, impalas e javalis.

O avô, porém, dá uma recomendação ao menino: que ele jamais comesse os frutos das árvores à direita do caminho. Sem lhe dar mais explicações, o avô diz apenas que foi assim com os outros caçadores da família. O menino confirma que não comeria os frutos. Mas, um dia, após a morte de Jhapondo, quando *Wazi* voltava da caça com o cão Paciência, de repente repara melhor nas árvores à direita do caminho. Sem resistir, ele sobe em uma delas e começa a comer seus frutos. E então, em seguida, recebe o aviso do cão: “A partir

de hoje, passarás a entender a fala de todos os animais da terra, d`água e do ar. Se fores descoberto ou contares a alguém, morrerás imediatamente” (Rogério MANJATE, 2017, p. 17).

O menino passa, então, a entender o cacarejar das galinhas, a fala das formigas, das abelhas, do xirico. Wazi vai ficando fascinado e estreitando sua relação com os bichos, divertindo-se com eles. Uma cunhada, porém, que pensava que o menino se ria dela, insiste para ele lhe contar o que se passa. Com sua negativa, ela diz que vai chamar a família para resolver a questão. O cão então pede que Wazi o siga até o bosque. Ali, o menino é engolido pela floresta, e nunca mais é visto. No conto original, após a insistência da cunhada e de seus parentes, Wazi conta a verdade e, por isso, morre, como avisou a profecia do cachorro Paciência.

Rogério Manjate conta ao final do livro que ouviu esse conto em um programa de contos tradicionais chamado “*Nkaringana Wa Nkaringana*”, na Rádio Moçambique, nos idos das décadas de 1970 e 1980, quando tinha entre sete e doze anos de idade. Ele diz:

Grande parte dos contos tradicionais (incluindo os próprios contadores de histórias) tem por fim ensinar algo, transmitir uma moral. Mas eu, enquanto autor, não pretendo moralizar ninguém, nem considero que tenha nada para ensinar, apenas para aprender, partilhar. Por isso, optei por travestir o conto, e sublinhar outros aspectos da vida humana: as escolhas, a liberdade, o amor, o destino, etc. Preferi que Wazi também se divertisse com a sua descoberta. E que não fosse julgado, porque em seguida, e paradoxalmente, morreria por contar a verdade – o segredo –, o que tornaria a legitimidade do castigo duvidosa. Escolhi reler e recontar esta história tão antiga, à luz da modernidade africana (MANJATE, 2017, p. 39).

Queremos pesquisar o que era (e é) o tabu, e os recursos encontrados por Manjate para frear a punição que caberia ao personagem, por não respeitar o tabu. Ainda que seu personagem se divirta na nova versão do texto, por conseguir entender a fala dos animais, o menino é ainda punido, uma vez que se vê obrigado a fugir para viver na floresta.

Linda Hutcheon, em *Uma teoria da adaptação*, trata a questão da adaptação como uma obra que se encaixa em um contexto social: “Nem o produto nem o processo de adaptação existem num vácuo: eles pertencem a

um contexto – um tempo e um lugar, uma sociedade e uma cultura” (Linda HUTCHEON, 2013, p.17). A autora afirma, ainda, que em adaptações aparece um desejo tanto pela repetição, quanto pela mudança. Dessa forma, podemos compreender a adaptação como uma forma de homenagem e, ao mesmo tempo, de questionamento, considerando seu contexto histórico. E assim, nos aproximaremos dos contos moçambicanos nas versões originais e adaptadas.

Em *Wazi*, podemos dizer que o autor reinterpreta a obra conhecida na infância, com suas lembranças e os signos moçambicanos, aliando-as a um olhar contemporâneo, de quem vive também sob influências ocidentais.

Vale destacar também que, nessa obra, o castigo é dado ao menino, não pelo avô, mas pelo próprio destino. O conto nos faz compreender que algo ruim acontece a *Wazi* por não cumprir sua palavra. Depois de comer centenas de frutos suculentos à direita de seu caminho, o menino passa a decifrar o que dizem todos os animais e então sua vida sai dos eixos sai dos eixos. Já não pode caçar, pois se compadece da vida familiar dos bichos, se perde ao prestar atenção no que falam as formigas, e sua convivência com as pessoas já não é a mesma, pois agora tem um segredo proibido de ser dividido. *Wazi* se torna uma pessoa à margem daquela sociedade. A cunhada o vê rindo e não acredita que não seja dela, pois só estão os dois no local.

O menino seria então perseguido, mas Paciência salva *Wazi*, levando-o para a floresta, impedindo sua morte, ao mesmo tempo em que retira o menino do convívio já impossível com o restante das pessoas.

A ordem dada pelo avô e a punição que recebe *Wazi* nos leva a analisar o tabu presente na tradição moçambicana e que permanece no conto contemporâneo. O menino, depois do não cumprimento do combinado, da palavra dada ao avô, é punido, passando a compreender o som dos animais. Porém, à luz da modernidade africana, ele se diverte com isso. Mas *Wazi* já não fazia parte do seu mundo como era antes, após comer os frutos das árvores à direita do caminho, ou, ao não cumprir o combinado que fizera ao avô.

O autor afirma amenizar o destino, para ele injusto, dado ao menino. *Wazi*, então, não conta à cunhada o que agora é capaz de entender, mas o destino do jovem caçador estava aparentemente traçado. Ele se perde na floresta e nunca mais é visto. Talvez tenha se transformado em um animal, talvez tenha se fundido à floresta. Mas em qualquer das alternativas, o desaparecimento

parece ser o destino do menino que come as frutas vermelhas do lado errado do caminho.

A obra *Totem e tabu*, de Sigmund Freud (2021, p. 42), nos diz que:

Assim, o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente. A nossa expressão “temor sagrado” corresponde frequentemente ao sentido de “tabu”.

As restrições do tabu são algo diverso das proibições religiosas ou morais. Não procedem do mandamento de um deus, valem por si mesmas; distinguem-se das proibições morais o fato de não se incluírem num sistema que dá por necessárias as privações, de forma geral, e fundamenta esta necessidade. As proibições do tabu prescindem de qualquer fundamentação; têm origem desconhecida; para nós obscuras, parecem evidentes para aqueles sob o seu domínio.

Freud busca situar e caracterizar o tabu na esfera distinta das proibições religiosas ou morais, embora entenda que o que entendemos por “temor sagrado” tenha um sentido conotativo semelhante ao de “tabu”. E sobre o castigo recebido em razão do tabu, o criador da psicanálise escreve:

A punição pela violação de um tabu era, sem dúvida, originalmente deixada a um agente interno automático: o próprio tabu violado se vingava. Quando, numa fase posterior, surgiram as ideias de deuses e espíritos, com os quais os tabus se associaram, esperava-se que a penalidade proviesse automaticamente do poder divino. Em outros casos, provavelmente como resultado de uma ulterior evolução do conceito, a própria sociedade encarregava-se da punição dos transgressores, cuja conduta levava seus semelhantes ao perigo. Dessa forma, os primeiros sistemas penais humanos podem ser remontados ao tabu. (FREUD, 2021, p.45)

Interessante ainda é observar a questão das violações involuntárias do tabu, como o que acontece em *Wazi*. O próprio transgressor inocente sente em si a dor por ter incorrido na transgressão, sente a depressão e prevê a própria morte, pois todas essas normas estão vinculadas provavelmente à própria sobrevivência da comunidade:

Ouvimos histórias dignas de fé de como qualquer violação involuntária de uma dessas proibições é de fato automaticamente punida. Um transgressor

inocente, que, por exemplo, tenha comido um animal proibido, cai em profunda depressão, prevê a morte e em seguida morre de verdade. Essas proibições dirigem-se principalmente contra a liberdade de prazer e contra a liberdade de movimento e comunicação. Em alguns casos têm um significado compreensível e visam claramente a abstinências e renúncias. Mas em outros casos o motivo central é inteiramente incompreensível; estão relacionadas com detalhes triviais e parecem ser de natureza puramente cerimonial. (FREUD, 2021, p.18)

Manjate escreve ao final da obra que, os africanos, como ele, vivem rodeados de tabus. Pois “começamos por dizer o que não se deve fazer, para logo em seguida acenarmos com o castigo terrível que espera quem ousar não cumprir as regras estabelecidas, como forma de dissuadirmos o infrator” (MANJATE, 2017, p.45).

O livro – mesmo em sua versão contemporânea – acena com essa ideia. Pois ao não fazer o que acorda com o avô, *Wazi* passa a entender os animais. E, a partir disso, sua vida entra em um compasso que ele não consegue mais administrar. É o fim da caça, o fim das relações humanas, o guardar um segredo para sempre, o qual só o menino conhece, que o deixa à margem. Em ambas as versões, já não é possível continuar a viver naquela sociedade.

O tabu nessa história, em ambas as versões, conta-nos que ao não cumprirmos as instruções dadas, nesse caso e não por acaso, por um mais velho, estaremos passíveis de que algo ruim aconteça. Algo que pode levar a vida para caminhos difíceis. Ainda que *Wazi* se divirta com as falas dos animais, está ali uma punição que Manjate não suprimiu. Está presente no conto portanto, e ainda o valor dos acordos, o valor da palavra dada ao mais velho que deve se fazer valer.

Da mesma forma que enxergamos a presença do tabu, também podemos pensar na ideia do perspectivismo, primeiramente como delineou Nietzsche. Assim lemos no *Dicionário Nietzsche* (GRUPO DE ESTUDOS NIETZSCHE, 2026, P. 336-337), obra fundamental sobre o pensamento do filósofo alemão:

Por isso, anota Nietzsche em um fragmento póstumo de 1885, o caráter perspectivístico do mundo vai tão longe quanto nosso “entendimento” a respeito dele, não sendo mais do que formas perspectivísticas as noções com que operam físicos e metafísicos, entre as quais se encontram causa e efeito,

tempo e espaço, meio e fim, ativo e passivo, sujeito e objeto, além de átomo, número, substância, indivíduo, alma e faculdades da alma. Inevitavelmente construído a partir de uma determinada perspectiva, o que se chama “mundo” consiste em simplificação, falsificação, erro, ilusão, ficção, aparência. Mas é precisamente de um mundo perspectivístico que depende nossa conservação: sem ele, em todo caso, pereceríamos. De sorte que o perspectivístico, como diz lapidarmente o prefácio de *Para além de Bem e Mal*, constitui condição de toda a vida.

O entendimento que o homem tem do mundo não é a verdade, mas apenas uma perspectiva, uma falsificação, uma ilusão, mas que é “a condição básica de toda a vida” (Friedrich NIETZSCHE, 2021, p. 8). Nietzsche, sob o impacto do perspectivismo, rejeita a modernidade: as ciências modernas, a busca pelo conhecimento, o cristianismo, que ele chama de “o platonismo para o povo” (NIETZSCHE, 2021, P. 8), a ideia de sujeito, a separação entre alma e corpo, enfim todos valores que norteiam o pensamento moderno. A ideia de um super-homem, o *Übermensch* que Zaratustra, como dádiva, quer anunciar aos homens: “Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste para superá-lo?” (NIETZSCHE, 2018, p.12) nada mais é do que a revelação de que não há nenhuma verdade, ela é apenas perspectiva. Os homens não falam a língua dos animais porque não faz parte da perspectiva dele fazer isso. Se por acaso, como Wazi, o homem começar a falar com os animais, deixará de ser homem.

Numa perspectiva ameríndia, mas que pode ser utilizada como um exemplo para o entendimento da concepção perspectivística, Eduardo Viveiros de Castro, no seu monumental *Metafísicas canibais*, debate a respeito do tema sob o ponto de vista das populações autóctones da América, mas também sobre a diferença de perspectivas no contato destas com os europeus, quando cita Lévi-Strauss:

Nas Antilhas, alguns anos após o descobrimento da América, enquanto os espanhóis despachavam comissões de inquérito para saber se os indígenas possuíam alma ou não, estes tratavam de submergir prisioneiros brancos, para verificar, com base numa longa e cuidadosa observação, se seus cadáveres apodreciam ou não (Claude LÉVI-STRAUSS *apud* Eduardo Viveiros de CASTRO, 2020, p.35).

Castro defende que a diferença entre os europeus e os indígenas é uma diferença de perspectiva, de como ambos encaram o mundo ao seu redor. Afirmar que “o modo como os humanos veem os animais, os espíritos e outros personagens cósmicos é profundamente diferente do modo como esses seres os veem e se veem” (CASTRO, 2020, p.44). Cada ser tem a sua própria perspectiva para enxergar as coisas, os outros, o mundo e estabelecer o seu sistema de valores. Citando o antropólogo Gerhard Baer: “o ser humano se vê a si mesmo como tal. A Lua, a serpente, o jaguar e a Mãe varíola o veem, contudo, como um tapir ou um queixada, que eles matam” (Gerhard BAER *apud* CASTRO, 2020, p.44). Cada ser tem a sua perspectiva, mas também acredita que ela é a única possível de existir, o que nos faz recordar o Nietzsche (2008, p. 26) de *Sobre a verdade e a mentira*, para quem “[...] se pudéssemos pôr-nos de acordo com o mosquito, aprenderíamos então que ele também flutua pelo ar com esse *pathos* e sente em si o centro esvoaçante deste mundo”.

Resta-nos ainda falar sobre a questão do embricamento entre uma perspectiva e outra. Castro (2021, p. 48) afirma que

Todos os animais e demais componentes do cosmos são intensivamente pessoas, porque qualquer um deles pode se revelar (se transformar em) uma pessoa. Não se trata de uma mera possibilidade lógica, mas de potencialidade ontológica. A “personitude” e a “perspectividade” – a capacidade de ocupar um ponto de vista – são uma questão de grau, de contexto e de posição, antes que uma propriedade distintivas de tal ou qual espécie.

Portanto, da mesma forma que se é possível falar em pessoas, em “personitude” (na capacidade de se tornar pessoas) ou em “perspectividade”, segundo uma determinada perspectiva, é possível se falar nas não-pessoas, no não-humano – sempre na concepção, na perspectiva indígena. Nesse sentido, podemos falar no canibalismo como um costume que surgiria não como uma característica natural, mas proveniente da vida social.

O xamã tem a “habilidade manifesta [...] de cruzar deliberadamente as barreiras corporais entre as espécies e adotar a perspectiva de subjetividades ‘estrangeiras’, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos” (CASTRO, 2021, p.49). Pois, segundo o autor, “os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico; sobretudo,

eles são capazes de voltar para contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer” (CASTRO, 2021, p.49). Em *A queda do céu*, o xamã Davi Kopenawa narra ao etnólogo Bruce Albert a sua vida e a sua experiência com o xamanismo:

Os seres desconhecidos que apareciam em meus sonhos de criança eram espíritos *xapiri* que me olhavam e se interessavam por mim. Naquela época, eu ainda não sabia disso. Todas as imagens que via em sonho me deixavam muito apreensivo. Só bem mais tarde, quando meus antigos me deram de beber o poder da *yãkoana*, compreendi que, desde aquele tempo, tinham vindo ao meu encontro para que eu me tornasse um xamã (KOPENAWA; ALBERT, 2020, p.93).

Há todo um ritual para se penetrar nesse outro mundo xamânico, que passa por tomar o pó de *yãkoana*. Todo um rito de iniciação para entrar em contato com os *xapiri*, entendidos como espíritos que se manifestam aos xamãs com o objetivo de auxiliá-los a derrotar alguma doença, alertá-los sobre algum perigo, enfrentar alguma situação que ponha em risco a sobrevivência da tribo ou mesmo estabelecer a comunicação com a perspectiva de outros seres.

Pela concepção do perspectivismo, *Wazi* recebe a orientação do mais-velho, seu avô, símbolo da sabedoria, na cultura moçambicana, bantu, para não comer os frutos do lado direito da estrada. A orientação do avô é para que ele permaneça na perspectiva dos homens na sua tribo, no caminho dos homens. Não se desvirtue do caminho. No entanto, *Wazi* não consegue cumprir com a orientação do mais velho e digere os frutos, adquirindo a habilidade de entender e se comunicar com os animais, o que era entendido na versão tradicional como uma maldição, e, na atual, como uma qualidade, algo que *Wazi* pudesse aproveitar.

Após analisar os pensamentos de Nietzsche, Castro e Kopenawa podemos compreender a maldição. Comunicar-se com os animais era abandonar a perspectiva humana, sair do campo do humano para o não-humano, e essa perspectiva ameaça a sobrevivência da comunidade, do grupo, da tribo. Por isso o tabu deve ser acionado e *Wazi* recebe o castigo ou desaparece na floresta – deixa de ser homem, de pertencer àquele grupo humano.

Na versão de Manjate, o tabu é acionado somente quando *Wazi* conta à cunhada o que estava acontecendo com ele. O tabu funciona como um

mecanismo de defesa do grupo para evitar essa transformação, esse contágio, porque nada impediria – já que é algo divertido falar com os animais – que a cunhada também comesse os frutos do lado direito e adquirisse também esse “poder”, alastrando-se para toda a tribo. A diferença na versão de Manjate é justamente a permissividade concedida a *Wazi* de manter a habilidade, desde que não a comunicasse a ninguém. Contudo, o seu comportamento, por si só, já é diverso e alimenta as suspeitas, tanto que a cunhada quer saber por que ele estava rindo, já que estavam sozinhos e ele não estava rindo dela. A mudança da perspectiva em *Wazi*, após comer os frutos, gera para ele um comportamento distinto que o torna diferente aos olhos dos seus antigos semelhantes e que põe em risco a existência do grupo. Por isso ele não tem condições de manter o seu segredo por muito tempo e o tabu deve ser acionado como mecanismo de controle e proteção para a tribo.

Marina Gadelha é formada em Jornalismo, tem pós-graduação em Cinema Documentário, pela FGV, e atualmente faz Mestrado em Estudos de Literatura, na Universidade Federal Fluminense. Publicou o livro *Bambu*, pelo selo Timbú (RN). Trabalha como produtora cultural.

Adriano Guedes Carneiro é doutorando em Literatura Comparada (CAPES/UFF), em 2022. Mestrado em Estudos Literários, subárea Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (CAPES/UFF), em 2021. Licenciatura em Letras (Português-Literatura), pela UFF, em 2017.

FINANCIAMENTO: CAPES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu: n-1 edições, 1ª reimpressão. 2020 [2009].

África (São Paulo, 1978, Online), São Paulo, n. 43, p. 77-89, 2022
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2526-303X.i43pe203360>

FALOLA, Toyin. *O poder das culturas africanas*. Tradução de Beatriz Silveira Castro Figueiras. Petrópolis: Vozes, 2020.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 8ª reimpressão. 2021 [2012].

GRUPO DE ESTUDOS NIETZSCHE. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2ª edição 2013 [2011].

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MANJATE, Rogério. *Wazi*. Coleção Contos de Moçambique. São Paulo: Kapulana, 2017 v. 6.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008 [1873].

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 21ª reimpressão. 2021 [2012].